

## 4.9 Resiliência no Espaço Urbano: A Cultura Popular e o Patrimônio Cultural na Rua Pedreirinha, Guamá – Belém do Pará

**Juliana Cordeiro Modesto**

*Bacharel em Serviço Social – UFPA /  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em  
Memória Social e Patrimônio Cultural - UFPEL  
modestojuliana22@yahoo.com.br*

**João Fernando Igansi Nunes**

*Doutor em Comunicação e Semiótica – PUC/SP;  
Professor Adjunto do Colegiado de Design do  
Centro de Artes e do Programa de Pós-Graduação  
Memória Social e Patrimônio Cultural – UFPEL  
fernandoigansi@gmail.com*

**Resumo:** O presente trabalho concebe a Rua Pedreirinha como um espaço de agregação antiviolência por meio da cultura popular e, assim, de patrimônio cultural. Neste sentido, objetiva-se conhecer a realidade deste contexto de convivência e conceber seu reconhecimento de patrimonialização perante o Poder Público e respectiva comunidade. A metodologia procedeu-se através de revisão bibliográfica e entrevistas com lideranças de cada manifestação, tendo a finalidade de conhecer a realidade dos entrevistados, modos de vida, influências e dificuldades vivenciadas no grupo e na comunidade. Foram entrevistadas sete lideranças, sendo quatro manifestações religiosas e três manifestações artísticas. Os resultados evidenciam que a Pedreirinha vivenciou e vivencia histórias de resistência e resiliência dos grupos artísticos e religiosos. Suas ações não demonstram comportamento de acomodação, conformismo ou lamentação, pois presenciamos a mobilização para o autofinanciamento das atividades culturais e religiosas, que já se tornaram tradição na rua. Essas ações procedem de uma consciência cidadã presente nas narrativas que expressam resistência e insubmissão, pois enfrentam a não efetividade das políticas públicas, e assim realizam ações, criando seus próprios instrumentos de proteção por meio da arte e do patrimônio não apenas na rua, mas no bairro, constatando em suas ações elementos propiciadores de transformação social do sujeito.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural. Cultura Popular. Resiliência. Transformação Social.

## Guamá e suas várias visões da realidade

### O Bairro

Guamá é vocábulo indígena que significa rio que chove. Está localizado na Região Sul da cidade de Belém, às margens do Rio Guamá. É considerado um bairro periférico, apesar de localizar-se próximo ao centro da cidade. Nele encontram-se alguns serviços públicos que subsidiam a área metropolitana de Belém, como exemplo da Universidade Federal do Pará e do Hospital Universitário Bettina Ferro, entre outros.

O bairro é o mais populoso da cidade de Belém, possui 94.610 habitantes (IBGE, 2010). É considerado um dos mais violentos da cidade, de acordo com o Centro de Referência Especializado da Assistência Social – CREAS LA/PSC, registrando um dos maiores números de adolescentes em cumprimento de Medidas Socioeducativas de Liberdade Assistida – LA e de Prestação de Serviço à Comunidade – PSC, 187 casos são do Guamá e também de jovens envolvidos em conflitos e gangues de rua (CREAS/ FUNPAPA, 2008).



Figura 01: Dados Cartográficos do Bairro do Guamá.  
Fonte: Google MapsLink.

Por motivo da violência no bairro, os jovens precisavam cada vez mais receber esse apoio da parte social, cultural e também levar a palavra de Deus pra eles, porque tem modificado e trazido uma resposta imediata para muitos. Tem tirado algumas pessoas de situações que poderiam até levar a morte, não só a questão dos roubos, mas também alguns assassinatos muito frequentes que, com a igreja, já tem inibido muito algumas pessoas. Porém, está faltando um pouco mais, dar oportunidade às pessoas, criarem uma instituição própria para os tratarem do vício das drogas, acredito que esse seja o ponto principal que o governo deveria intervir. Penso que a pobreza está reproduzindo a marginalidade, pois pessoas que vivem nesta situação já não têm tanto as oportunidades diante da sociedade, já que a partir do momento em que comentem o primeiro crime, são julgados, e ninguém quer dar mais emprego para quem cometeu algum delito (Entrevistado Fabio Silva, Pastor da Assembleia do Avivamento Pentecostal “Brasa Viva”).

São tais situações que mais se destacam na mídia e não a riqueza de suas manifestações e luta de seus habitantes pela manutenção dos seus bois- bumbás, cordões de pássaros, escolas de samba, cantigas de ladainhas, quadrilhas juninas, trabalho social das instituições religiosas, que são espaços de agregação de cultura antiviolença que deveriam ser reconhecidos e respeitados pela sociedade, o que leva os moradores a terem a descrença do Poder Público no que diz respeito à efetivação de ações para a melhoria do bairro.

A minha visão como morar, como artesão, como vivenciador da cultura... Acho que esse bairro é uma cidade com a sua cultura própria, com a sua religião, sua cor, sua raça, seu suor. Tenho uma visão maravilhosa do Guamá, apesar das partes negativas, mas 70% é positivo, são coisas lindas, coisas boas, histórias maravilhosas para serem contadas, tradições e tradições. (Entrevistado Kleber Oliveira, Presidente do Bloco Carnavalesco e Cultural Mexe-Mexe).

O Guamá possui uma população equivalente a médios municípios brasileiros, mas quase não possui espaços multiuso que facilitem os encontros para ensaios e socialização entre as gerações. Através das pesquisas realizadas pelo Programa Luamim-FASS/UFPA, (EVELIN, 2011) constatou que os líderes cujos quintais ainda não foram ocupados para construção de moradia de seus descendentes os usam para encontros e ensaios. E quando não o possuem ou se já estão sendo usados, os ensaios ocorrem nas ruas.

É um bairro carente, sofrido, muito grande, o que a gente faz o povo acompanha e gosta... Infelizmente por não ter praças estruturadas e esportes, por não ter investimento na cultura e por não ter outras atividades, a violência tomou conta, como está acontecendo em todo Brasil, não somente no Guamá. Então como é um dos maiores bairros é um dos mais violentos, mas acredito que tenha solução, ainda dá tempo de trabalhar com as crianças de hoje. Infelizmente com a juventude que já está deturpada não tem mais jeito, porém com a garotada ainda dá tempo de fazer algum trabalho para melhorar daqui a alguns anos esse índice de violência. (Entrevistado Herivelton Martins, Presidente de Honra da Associação Carnavalesca Bole-Bole).

Verificamos que o Guamá apresenta várias facetas, boas e ruins, encontradas também em outros bairros periféricos e não periféricos da cidade de Belém. Contudo, o que nos chama atenção é a forma como a população guamaense enfrentou e enfrenta a realidade de um bairro carente de investimentos de políticas públicas, com frequentes episódios de violência e um índice alarmante de pessoas que vivem em situações de vulnerabilidade social. O artista popular, Vetinho (Presidente de Honra da Associação Carnavalesca Bole-Bole), expressa em poesia<sup>1</sup> o “*habitus*”<sup>2</sup> construído desses indivíduos, que enfrentam as adversidades vivenciadas no dia-a-dia:

<sup>1</sup> MARTINS, Herivelton . **Mania Guamaense**. Samba Enredo do Carnaval de 1987 do Bloco Carnavalesco Bole – Bole. (DIAS JUNIOR, 2009, p. 62-63).

<sup>2</sup> Pierre Bourdieu considera a categoria *habitus* como: um sistema aberto de disposições, ações e percepções que os indivíduos adquirem com o tempo em suas experiências sociais (tanto na dimensão material, corpórea, quanto simbólica, cultural, entre outras). O *habitus* vai, no entanto, além do indivíduo, diz respeito às estruturas relacionais as quais está inserido, possibilitando a compreensão tanto de sua posição num campo quanto seu conjunto de capitais. (SOCHA, 2011, p.46).



A passagem Pedreirinha compreende uma série de atividades culturais [...] Trata-se de um lugar pacífico e democrático onde as pessoas sentam-se às suas portas para conversarem e trocarem informações em interação umas com as outras, diariamente, mas especialmente nos dias de eventos festivos, incluindo-se aí as relações de bem ou conflituosas. Mesmo com o enfrentamento de todos os tipos de problemas: perigos da violência urbana como em qualquer cidade; desigualdade social; falta de recursos para a promoção de atividades culturais; endividamentos para que isto seja possível, etc. (FERREIRA, 2011, p.01).

É considerada por muitos como a rua cultural do Guamá, pelo fato do Bairro presenciar a quase inexistência de equipamentos culturais (praças, cinemas, teatros, pontos de cultura reconhecidos pelo Ministério da Cultura - MINC, bibliotecas públicas para o acesso dos estudantes, etc). Sendo apontada como referência no bairro, pois seus moradores se mobilizam para realizar atividades culturais, recreativas e festejos religiosos, tendo a população guamaense oportunidade de participar e obter acesso a um espaço de sociabilidade, de alegria, de troca de experiências e de ludicidade que leva ao alcance da aprendizagem.

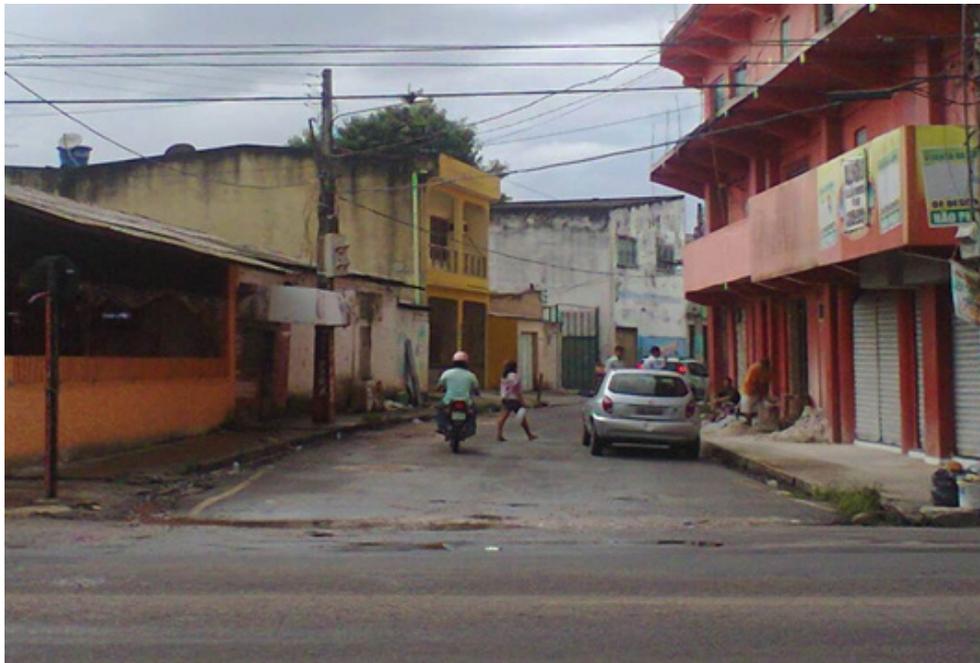


Figura 03: Visão panorâmica da Rua Pedreirinha, esquina da Av. José Bonifácio.

Fonte: Juliana C. Modesto, 2013.

Ao ter o primeiro contato com os moradores da Rua Pedreirinha no ano de 2010 (através do Projeto Guamá e Terra-Firme: a morada de artistas, ao qual estava como bolsista de monitoria do Programa Luamim/UFPA), principalmente nas organizações artísticas, presenciei dedicação, muito esforço e amor no que diz respeito às ações que realizam para a manutenção das manifestações culturais.

Desde quando eu cheguei à Pedreirinha, foi uma coisa que mudou totalmente a 'nossa vida' (minha e do meu marido Evaldo - falecido), porque em termos de cultura eu só tinha o carnaval e quando eu cheguei aqui começamos a nos envolver em muitas coisas, no boi, em quadrilhas, nas festas de São Pedro e São Paulo, no Bole – Bole, e com o Arraial do Pavulagem, passamos a ter um convívio maior com a cultura. Eu me envolvi muito e, se fosse pensar, talvez se eu não

viesses morar aqui na Pedreirinha a minha vida hoje não estaria tão envolvida com cultura. (...) acho que vivemos felizes aqui nesta rua. Tem muita gente que diz que nunca viu rua como a Pedreirinha que é muito divertida, que eles veem as pessoas conversando na porta, se envolvendo uns com os outros; se tiver alguma festa todo mundo se ajuda, pode até ter aquela briguinha, mas quando é pra ajudar todo mundo se envolve, é difícil eu sair daqui, porque pra achar uma rua como a Pedreirinha, esta difícil. (Entrevistada Doralice Maciel, Coordenação do Boi Malhadinho).



Figura 04: Registro Fotográfico das manifestações artísticas e religiosas, entrevistas, da Rua Pedreirinha.  
 Fonte: Juliana C. Modesto, 2013.

Concordo com (FERREIRA, 2011, p.02), quando destaca haver “possibilidades de constatação de formas de sociabilidade inseridas nas manifestações e a ampliação das relações de interação” vivenciadas nas festividades, com os parentes, vizinhos, amigos que são convidados a participar dos eventos promovidos no local.

Sobre as manifestações culturais na Pedreirinha respondo de duas maneiras: enquanto professor de música eu acho interessante porque são manifestações de um mesmo povo, com visões diferentes sobre essas realidades musicais, sobre a realidade de ideias, com o mesmo intuito, o mesmo objetivo que é o bem comum, quer seja através da música ou através da religião. Agora enquanto religioso eu entendo que existe certa separação entre o fazer religioso e o fazer cultural, então nessas horas eu preciso observar a minha condição espiritual que a cultura pode me afastar. E lógico, enquanto um ser cultural eu preciso também observar essa questão da cultura. Gosto de falar da questão do equilíbrio, eu sou um ser cultural, mas também sou um ser religioso então eu preciso fazer com que um não anule o outro. E o legal é que na Pedreirinha a gente não tem um diálogo tão aberto, mas a gente tem o respeito entre as manifestações culturais. (Entrevistado Judson Brito, Diácono da Igreja Evangélica Assembleia de Deus).

## A Rua Pedreirinha enquanto Espaço de Resiliência no Guamá

O estudo da resiliência no Serviço Social brasileiro é bem recente, sendo o Programa Luamim-UFPA precursor. Através de pesquisas aprofundadas deste conceito em outras áreas das ciências (Psicologia, Sociologia, Biologia, Física, etc), fundamentou-se um conceito direcionado ao Serviço Social relacionado ao processo de aprendizado como fortalecimento.

Admitir as potencialidades do ser humano em pensar sobre a sua vida e planejar o seu futuro é um exercício ético que exige do profissional a desconstrução de algumas crenças e conceitos, principalmente, a de considerar o indivíduo em situação de vulnerabilidade social como subalterno e excluído, homogeneizando a história, desconsiderando as diferenças. (EVELIN, 20, p. 10-11).

Para compreender o conceito de resiliência, (Ribeiro, 2007) faz uma analogia com o semáforo, onde o sinal vermelho representa o enfrentamento da adversidade que nos faz parar por um momento; o sinal amarelo representa a superação e, o sinal verde, o fortalecimento, indicando que estamos prontos para novos desafios. O sinal amarelo é muito rápido, mas não podemos ignorá-lo e passarmos para mais uma etapa de nossas vidas, levando adversidades não resolvidas, que dificultarão etapas seguintes. Em síntese, no Serviço Social considera-se o conceito consolidado de resiliência como a capacidade que o indivíduo tem de enfrentar adversidades vivenciadas no dia-a-dia, superá-las, com o intuito de se fortalecer. Porém, é importante ressaltar que a resiliência nas pessoas deve diferenciar-se da resiliência de materiais principalmente por não estabelecer medidas, não podendo haver assim, um padrão ou uma fórmula de resiliência humana, nas ciências sociais e humanas.

A autora acima, também ressalta que é importante compreender que na resiliência humana há os fatores de risco e os fatores de proteção (internos e externos). Os fatores de proteção constituem-se no conjunto de fatores que pode levar uma pessoa a acreditar que está protegida, estimada e que há pessoas e/ou instituições de sua confiança a quem poderá recorrer em caso de necessidade, ou seja, são fatores que servem como uma proteção para diminuir o impacto causado por fatores de risco. Já os fatores de risco podem ser considerados externos - o meio social e/ou pela relação familiar em que a pessoa está inserida; e internos, caracterizados por qualidades humanas e o grau de conscientização. Tais fatores precisam ser administrados de modo a manter o equilíbrio com os fatores de risco.

Com isso, o objetivo de solicitar aos entrevistados que citassem três fatores de risco e de proteção vivenciados no bairro do Guamá buscou constatar o equilíbrio existente entre os fatores de proteção e fatores de risco, que levam alguns cientistas a avaliar a Pedreirinha como uma rua de agregação antiviolença.

Em relação aos *fatores de risco* todos os entrevistados citaram três: o mais citado foi as drogas (com quatro citações); dois fatores foram citados duas vezes: as aparelhagens e a falta de segurança; e os demais citados apenas uma vez: saneamento precário; a criminalidade; ausência do Estado; o alcoolismo; o desemprego; a prostituição; o aliciamento de menores; ausência da família; o não acesso a educação continuada; a ausência de praticas religiosas; o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e os assaltos.

Já os *fatores de proteção*, apenas a Mãe Lulu citou dois e os demais três. O fator de proteção mais citado foi **os projetos comunitários** (com quatro citações); quatro fatores foram

citados três vezes: o incentivo dos mestres de cultura; a religião de cunho social; os projetos escolares; e o policiamento; três foram citados apenas uma vez: o relacionamento com os vizinhos; a família; e as Ong's.

Também, podemos fundamentar a concepção acima afirmada através dos próprios depoimentos dos entrevistados:

Quando saímos com as crianças, ficamos felizes das pessoas elogiarem, porque é um trabalhado difícil de colocar boi-bumbá com crianças, pois exige muita dedicação e responsabilidade. Colocamos as crianças para ensaiar, para bordar. Eles ficam felizes ao se apresentarem, temos uma mãe que disse nunca ter ido à Praça da República, no Teatro da Paz e acha muito bacana o trabalho do Malhadinho. Temos quase dez crianças que vem do Tucunduba para a Rua Pedreirinha, um esforço que realizam para participar e antes de Maio vieram aqui em casa para perguntar se o Malhadinho iria sair... (Entrevistada Doralice Maciel, coordenação do Boi Malhadinho).

A história do Bole-Bole é bonita, é sofrida, a nossa sede aqui nunca teve ajuda pública, a gente sempre pede e sem êxito. (...) nós temos que fazer empréstimo para que o nosso Carnaval aconteça, porque ninguém investe, o Guamá continua sendo um bairro de periferia, esquecido apesar de tudo, mas a gente consegue vencer, estamos nessa luta, é prazeroso fazer tudo isso. (Entrevistado Herivelton Martins, presidente de honra do Bole-Bole).

### **A Representação Cultural e Social das Manifestações Populares e Religiosas da Rua Pedreirinha – Notas Iniciais**

Serge Moscovici conceitua representação social como:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de sua comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e de sua história individual e social. (MOSCOVICI, 2010, p. 21).

Este estudioso interessa-se em não apenas compreender como o conhecimento é gerado, mas principalmente em analisar seu impacto nas práticas sociais e vice-versa. Aprofundou-se no estudo de como e por que as pessoas partilham o conhecimento e, desse modo, constituem a sua realidade comum, de como elas transformam ideias em práticas.

Este trabalho partiu do pressuposto da importância de realização da pesquisa no entendimento da Pedreirinha como um espaço de uma rica memória social e patrimônio histórico cultural, como também da própria representação positiva da Rua perante o bairro.

Provindo desta inferência, seria pertinente conceber e constituir a Rua Pedreirinha como um espaço de patrimônio cultural imaterial? E sendo assim, “possível de ser preservado no sentido de ‘registrar’ essas práticas e representações, de fazer um acompanhamento para verificar sua permanência e suas transformações”? (Gonçalves, 2002, p.24). Tais concepções de “patrimônio intangível” parte da moderna concepção antropológica de cultura (seu

entendimento da categoria patrimônio reside, talvez, na ambiguidade permanentemente exposta às mais diversas concepções nativas), como afirma o autor acima, ao qual a ênfase está na classificação de bens tangíveis (lugares, festas, espetáculos e alimentos), configurados nas relações sociais ou nas relações simbólicas. Sendo assim, a pesquisa objetivou-se em identificar características de bens culturais intangíveis<sup>3</sup> nas manifestações entrevistadas, através do diálogo entre os posicionamentos bibliográficos dos autores com as narrativas das lideranças religiosas e artísticas, utilizando como técnica a análise do discurso.

Adentrando na realidade sociocultural da Rua Pedreirinha constatou-se histórias de resistência e resiliência dos grupos como também dos moradores. É um espaço de grande diversidade artística e religiosa, onde no desenvolver das gerações os moradores aprenderam a respeitar-se e a conviverem com as diferenças de crenças e de gosto. Suas ações não demonstram comportamento de acomodação, mas sim o incrível poder de criação, surpreendendo com a beleza e harmonia impressas nas suas produções de arte.

Conformismo e lamentação não fazem parte do dicionário dos artistas e religiosos da Pedreirinha. Pode-se afirmar que as ações realizadas pelas manifestações são fruto de um comportamento de consciência cidadã seja pelo viés da arte ou da religião. Nas narrativas das lideranças depreende-se resistência e insubmissão, uma vez que ante a não efetividade das políticas públicas em seu bairro, articulam-se e criam seus próprios instrumentos de proteção e cuidado, principalmente com as crianças.

A importância da performance do sujeito artista para o ethos da comunidade, deve ser entendida como um veículo à instrumentalização desses sujeitos através de capacitações, palestras, aperfeiçoamentos que os qualifiquem a usufruírem dos recursos destinados à Política da Cultura.

### Considerações Finais

Finaliza-se o artigo com o pensamento de (EVELIN, 2013, p.197), a qual ressalta que “a cultura está em pauta como um dos grandes desafios da humanidade”.

Aos seus olhares, (...) “muitos homens e mulheres não acreditam no advento de uma sociedade onde os bens econômicos e culturais sejam equitativamente distribuídos”. Alerta, que “uma das características das ciências hoje é a de ‘não compreender’ que cresce o número de indivíduos que, sem o advento de teorias, sabe que lhes cabe cumprir seu destino histórico e cultural ante a sociedade”. Os resultados da pesquisa evidenciaram que as manifestações culturais e religiosas da Rua Pedreirinha, “**querem e precisam ser ouvidas**”, pois possuem direitos constitucionais<sup>4</sup>, que assegura seu pleno exercício de cidadania (EVELIN, 2013, p. 58-59).

<sup>3</sup> Os bens intangíveis são manifestações de arte, formas e processos de conhecimento, hábitos, usos, ritmos, danças processos de transformação e aproveitamento de alimentos, etc (SOUZA FILHO, 1997, p. 32).

<sup>4</sup> A proteção dos bens intangíveis está prevista na Constituição de 1988, que considera “o patrimônio cultural brasileiro bens de natureza material e imaterial”. (SOUZA FILHO, 1997, p.32 apud Santos, 1982).

## Referências

DIAS JUNIOR, J.E.S. **Cultura Popular no Guamá: um estudo sobre o boi-bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém.** Ano: 2009. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – UFPA, Belém, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4569> . Data do acesso: 10/03/15.

EVELIN, Heliana ; SENA, Aline; MARQUES, Geovane; PANTOJA, Gleidson; MODESTO, Juliana. **Capacitação de Grupos Artísticos para a Construção de Comunidades Resilientes.** Artigo apresentado no 4th Regional Mediterranean Congress of IAGP in Porto. Portugal, 2011, p. 10-11.

EVELIN, Heliana Baia. Projeto **Preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro.** Aprovado pelo PROEXT/ MEC / CULTURA, 2011.

EVELIN, Heliana Baia. **Serviço Social no Contexto das Ciências da Cultura.** 1ª ed. Curitiba: Appris, 2013.

FERREIRA, Clélio Palheta. **Sociabilidade e Reciprocidade em Ações Lúdico-Religiosas no Bairro do Guamá em Belém do Pará.** Trabalho apresentado ao XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, p. 01-02, 2011

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O Patrimônio como Categoria de Pensamento.** Comunicação apresentada na mesa-redonda “Patrimônios emergentes e novos desafios: do genérico ao intangível, na 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Caxambu, p. 24, 2002.

MODESTO, Juliana Cordeiro. **Cultura Popular no Guamá: memória e representação do patrimônio cultural da Rua Pedreirinha em Belém do Pará.** (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado a Faculdade de Serviço Social – UFPA, Belém, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social.** 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

RIBEIRO, Jorgeane. **Serviço Social e Resiliência na Ótica dos Direitos Humanos.** In: EVELIN, Heliana; et al (Orgs). Serviço Social e Resiliência na Ótica dos Direitos Humanos. Belém: EDUFPA, 2007.

SOCHA, Eduardo. **Pequeno glossário da teoria de Bourdieu. Dossiê Pierre Bourdieu,** Revista CULT, n. 128, p. 44-65, setembro de 2008. Ano 11.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. **Bens Culturais e Proteção Jurídica.** 1ª ed. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1997.